

CULTURA

Por Marília Kodic

ARTE DE RESISTÊNCIA

Fernanda Feitosa fala do mercado de arte nacional e das conquistas da SP-Arte, feira que fundou e que tem sua 12ª edição neste mês

POR MARILIA KODIC
FOTOS JHONATAN CHICARONI



O pavilhão de arte anexo à casa de Fernanda Feitosa expõe fotografias da tribo Yanomami, de Claudia Andujar



“COMEÇAMOS COM UM PÚBLICO DE 6 MIL PESSOAS E HOJE TEMOS MAIS DE 20. A ARTE PASSOU A SER PAUTA CULTURAL, PROGRAMA DE BRASILEIRO, E DESPERTAR ESSE INTERESSE TEM SIDO NOSSA MISSÃO.”

Uma escultura de Tunga serpenteia pelo chão do terreno elevado no Morumbi, em São Paulo. De um lado, a casa, do outro, o pavilhão construído para expor obras. Em ambos, a arte brasileira espargida feito enciclopédia viva. De Adriana Varejão a Zanine Caldas, as obras reunidas na casa de Fernanda Feitosa mimetizam o vasto conhecimento adquirido ao longo de 12 anos à frente da SP-Arte, primeira feira internacional de arte do país e a mais relevante do hemisfério sul, que a tem como fundadora.

"Começamos com um público de 6 mil pessoas e hoje temos mais de 20. A arte passou a ser pauta cultural, programa do brasileiro, e despertar esse interesse tem sido nossa missão e maior conquista", diz Fernanda. Entre os êxitos da feira ela ressalta também o escoamento da produção de jovens artistas brasileiros para um mercado fértil e a abertura de uma via de comunicação com o exterior. Segundo ela, o Brasil faz parte hoje de uma comunidade global que o permite trabalhar os mercados

interno e externo paralelamente, algo que antes não existia.

"Se estamos num momento mais desafiador, há uma alternativa para a arte brasileira criada ao longo dos últimos 20 anos por galerias que desbravaram o mercado internacional em períodos muito menos propícios e democráticos do que hoje, momentos de guerrilha mesmo", diz, citando galeristas e marchands como Luisa Strina e Marcantônio Vilaça. "Acho interessante esse raciocínio. O trabalho dos predecessores, dos pioneiros, permite que hoje, em cenários de retração da economia, seja possível negociar e mostrar o artista num mercado externo". Perguntada sobre a crise, ela dá um riso otimista e um recado: "Vamos olhar para frente, pessoal. Ficamos alimentados por uma imprensa que fica falando do fim do poço. Temos que bater e subir. Temos hoje muito melhor musculatura para enfrentar essa crise".

Para Fernanda, o mercado de arte no Brasil vive um momento frutífero, mesmo sendo relativamente jovem, especialmente se comparado aos da Europa e América do Norte.

"Costumo marcar mentalmente o início do mercado de arte brasileiro em meados dos anos 50", diz, aludindo à década que viu a primeira Bienal Internacional de Arte de São Paulo e as primícias dos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo, além dos movimentos concretistas e das primeiras atuações profissionais de marchands e galeristas do país.

"A associação de galerias de arte contemporânea, por exemplo, tem menos de dez anos, a SP-Arte tem doze. É tudo muito recente. Estamos ainda buscando melhor regulamentação para o mercado", diz. Entre as bandeiras levantadas está a redução nas tarifas alfandegárias no país para a importação e repatriação de obras brasileiras, que hoje chega a proibitivos 50%. "Essas barreiras alfandegárias não fazem sentido algum, apenas têm o efeito de privar o cidadão brasileiro do convívio e da apreciação da boa arte internacional. A arte não tem passaporte. Mas acaba ocorrendo um auto-isolamento cultural", diz.

Durante a SP-Arte, contudo, o governo de São Paulo reduz a zero o



1.

ICMS, criando uma janela de oportunidade para o comércio de obras nacionais e estrangeiras. "Com a redução, o imposto cai de 50% para aproximadamente 16%. Ainda é uma taxa alta. O ideal, para um país com as características do Brasil, seria até 10%, durante o ano todo. Mas é uma queda para um terço, então há um bom favorecimento", opina.

Sobre a edição deste ano da feira, ela destaca entre as tendências o redimensionamento das obras, antes de tamanho amplo e agora em formatos reduzidos. "O ser humano vai mudando a forma de se relacionar com o espaço, estamos adotando ambientes compactos e, com isso, as obras menores passam a ter maior importância e aceitação. Acho que as galerias vão apostar nisso". Entre as grandes novidades está o inédito setor de design, dedicado ao mobiliário e à iluminação de autor, com 23 expositores que vão do barroco colonial ao modernismo brasileiro com obras de Lina Bo Bardi, Lasar Segall, Irmãos Campana e Jader Almeida. "Qualidade é a palavra-chave neste ano", arremata ela.



2.

AS 8 GALERIAS MAIS INFLUENTES DO MUNDO
por Fernanda Feitosa

1. Luisa Strina (Brasil)
Artistas: Anna Maria Maiolino, Cildo Meireles (foto), León Ferrari, Olafur Eliasson e outros.

2. White Cube (Reino Unido)
Artistas: Beatriz Milhazes, Damien Hirst, Darren Almond (foto), Franz Ackermann, Mona Hatoum e outros.



3.

3. Kurimanzutto (México)
Artistas: Adrián Villar Rojas, Damián Ortega, Dr. Lakra (foto), Gabriel Orozco e outros.



4.

4. David Zwirner (EUA)
Artistas: Jeff Koons, Neo Rauch (foto), Robert Crumb, Sigmar Polke, Wolfgang Tillmans, Yayoi Kusama e outros.



5.

5. Pace (EUA)
Artistas: Alexander Calder, Keith Coventry (foto), Mark Rothko, Pablo Picasso, Willem de Kooning e outros.



6.

6. Galleria Continua (Itália)
Artistas: Anish Kapoor, Ai Wei Wei, Daniel Buren, Alejandro Campins (foto), Michelangelo Pistoletto e outros.



7.

7. Marian Goodman (Reino Unido)
Artistas: John Baldessari, Julie Mehretu (foto), Steve McQueen, William Kentridge e outros.



8.

8. Gagosian (Nova York)
Artistas: Andy Warhol, Richard Avedon, Peter Lindbergh, Takashi Murakami, Taryn Simon (foto) e outros.